



Micro e Macro Filosofia

Thorsten Botz-Bornstein

botzbornstein.org

Micro e Macrocosmo

Na filosofia grega antiga, reflexões sobre macrocosmo e microcosmo produziram interpretações significativas da relação entre o universal e o particular. Na sociologia, a palavra “microcosmo” é ainda usada para identificar pequenos grupos de indivíduos cujo comportamento é típico de um corpo social mais amplo no qual o microcosmo está inserido. Na economia, macroeconomia é o estudo do sistema econômico como um todo, enquanto a microeconomia estuda o comportamento de indivíduos ou pequenos grupos. Nessas ciências, a relação micro-macro funciona como uma ferramenta analítica e moldou as abordagens teóricas dessas disciplinas.

Estranhamente, não há micro e macro filosofia. Uma razão é que, na maior parte do tempo, a filosofia é inscrita em uma estrutura civilizacional que pensa micro tempo e micro espaço como inadequados. A outra razão é que a filosofia tem dificuldades na composição [*designing*] de uma dialética do micro e do macro em concordância com estruturas científicas e políticas sólidas.

Por grande parte de sua história, a filosofia recusou o micro e se engajou na formulação de macro estruturas. A insistência na universalidade é mais arraigada que a insistência em nacionalismos, culturalismos, e puro pensamento micro. A filosofia é universalizante e tende a apagar diferenças

nacionais (culturais). A filosofia é mais macro que micro porque sua natureza abstrata e conceitual se supõe transcendente às distinções culturais. Essa não é só a visão dos positivistas lógicos, mas é também uma atitude anti-micro que foi incorporada no interior da filosofia ocidental desde o início. “Filósofos sempre pretendem falar em nome de uma razão universal independente de contextos sócio-culturais e históricos”, escreve Franz Martin Wimmer (2002: 13). Descartes, Husserl, ou o Círculo de Viena criou métodos capazes de circunscrever tradições e cunhagens [*coinages*] culturais. Husserl explica, em seu *A Crise das Ciências Europeias*, como a racionalidade primeiro apareceu na Grécia, e que aquilo que se tornou um princípio condutor para toda filosofia não era grego, mas universal. Nem Sócrates nem Platão ou Aristóteles falaram como gregos, mas como pensadores individuais capazes de decifrar [*spell out*] verdades *universais*. A filosofia busca sabedoria, e o caminho para a sabedoria é universal e não deveria ser limitado por localidades. Como resultado, culturas – as quais sempre se enraizaram em localidades – são negligenciadas. Platão, Aristóteles, os estóicos e Epicuro eram universalistas tentando definir o humano em relação a todo o mundo. Eles não estavam tentando definir o humano em relação a, por exemplo, uma cidade. Aristófanes, em sua comédia *As Nuvens*, ri de Sócrates porque ele – assim como muitos dos outros filósofos – está mais interessado no universo que em sua própria cidade, a cidade de Atenas. Em muitas dessas primitivas visões gregas cosmopolitas, igualdade importa mais que diferença. Assim como a maioria de seus sucessores, os primeiros filósofos eram atraídos pelo universal e negligenciaram o contingente. Eles estavam interessados em verdades universais e direitos universais. O universalismo ocidental moderno traça suas raízes a essas fundações primevas.

Na literatura, o desenvolvimento foi diferente. No século 19, com o crescimento da globalização no comércio e na cultura, literaturas nacionais tomaram o primeiro plano, refletindo a preocupação de Goethe com a capacidade da literatura nacional alemã reter sua especificidade. Isso permaneceu válido ainda muito depois. Deleuze e Guattari explicam, em seu livro sobre “literatura menor” [*minor literature*], como um escritor pode gostar de explorar “zonas linguísticas do Terceiro Mundo pela qual uma língua [*language*] pode escapar” em sentido de encontrar “seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto”. “Literatura marginal” é um tópico de interesse para a literatura comparada. “Filosofia marginal” é um tópico não

para filósofos, e sim para antropólogos. Desde sua origem, a filosofia participou em um processo civilizatório visando repor crenças individuais com princípios universais. Na literatura, a resistência a esse processo civilizatório pode ser estimulante e inspiradora mas faz pouco sentido para a filosofia. O que seria uma “zona filosófica de Terceiro Mundo”? A filosofia dispensa o comunitário e o provincial porque eles não são universais. A filosofia raramente se preocupou com sua própria globalização; o contrário da globalização, o nacionalismo anti-global, não era uma alternativa, de toda forma. Ao contrário de “literatura nacional”, o termo “filosofia nacional” tem conotações negativas. Na maior parte dos casos, a filosofia se empenhou em criar um corpo de trabalho [*body of work*] em uma escala transnacional.

Micro Filosofias

Em alguns casos, a filosofia insistiu no micro. Contra-movimentos opondo o macro existiram e existem e veremos alguns. Contudo, na maior parte do tempo, a obsessão com micro-verdades se tornou antes pouco saudável para a filosofia; isso puxaria a filosofia para o canto das ideologias nacionalistas. Há razões para chamar a micro filosofia de um tipo de filosofia kitsch. O paralelo com princípios kitsch na arte é elucidante. Na arte, a concentração exclusiva em elementos muito limitados (“o brilhante”, “o deslumbrante”, “o evento muito triste”) leva ao kitsch. A verdadeira arte precisa – além de sua preocupação com problemas pessoais micro, culturas populares [*folk cultures*], e aprazimento instantâneo – também uma extensão em sentido de valores universais, pensamentos, sentimentos, e interesses. O mesmo é verdadeiro para política, ética, e filosofia.

A modernidade, enquanto segue as linhas-guia de eficiência e precisão, tem dificuldades em lidar com entradas (*inputs*). Ela tem dificuldade em coordenar o micro com o macro. Na vida moderna, é suposto que tempo e espaço sejam universais e funcionais. O inteiro processo de modernização pode ser visto como um macro processo destituindo o fenômeno social de seus micro aspectos.

Micro e Macro na Biologia

Após a Segunda Guerra Mundial, aspectos orgânicos foram inteiramente negligenciados, e isso foi verdade não só na filosofia, mas também na biologia. No século 20, a biologia moderna teve preferência *ou* pelo micro *ou* pelo macro. Seu foco epistemológico “alternou entre entidades sub-orgânicas (como genes), por um lado, e entidades supra-orgânicas (como populações), de outro. A categoria os conectando, o organismo como um todo, cai entre rachaduras da investigação biológica.” Isso é surpreendente porque a biologia é uma ciência dos organismos vivos, então como pode o orgânico se perder? Cibernética, teoria da informação, e ciência da computação produziram uma “perspectiva genocêntrica de vida” incapaz de dar conta da dinâmica micro-macro que anima o fenômeno da vida [*living phenomena*]. O resultado foi determinismo genético. Tudo isso fez a biologia – por estranho que pareça – “inorgânica”. Atualmente, a biologia testemunha o retorno do orgânico. Uma consciência de que “compreender o todo requer estudar o todo” leva os biólogos à identificação de princípios organizadores. Enquanto o século 20 será lembrado como o século do gene, o século 21 será lembrado como o século do orgânico. Eu tento estabelecer essa perspectiva na filosofia.

“Microísmos” Anti-Modernos

Durante aproximadamente os últimos duzentos anos, os filósofos lançaram um certo número de micro filosofias. Primeiramente isso aconteceu no contexto de movimentos anti-Iluminismo, depois, ao fim do século 20, pelo adoção de uma espetacular virada “anti-moderna”. Exemplos desta última são os vários pan-movimentos emergentes ao redor dos anos 1850 e adiante na Europa (sobretudo oriental). Outro exemplo é a criação da etnofilosofia na África, cerca de cem anos depois. E então há a virada “anti-moderna” gerando as então chamadas filosofias “pós-modernas” que prosperaram particularmente bem na Europa nos anos 1980 e 1990. Esses filósofos sugeriram estratégias de desconstrução fragmentando temas [*subjects*] métodos e ideologias em minúsculas micro- unidades. A maior parte desses filósofos têm origem na França, mas exercem um contínuo impacto nas humanidades internacionalmente.

Vamos falar brevemente sobre Deleuze. Deleuze critica o uso de conceitos universais e explica que tentativas de superar verdades provinciais normalmente resulta na provincialização do universal. Isso significa que Deleuze classifica tudo como micro. Junto a Guattari, Deleuze estabelece um radical micro-relativismo através do conceito de rizoma. Rizomas não têm início nem fim: começam no meio e não se apoiam nem em leis transcendentais (raízes) nem em modelos abstratos de unidade. Rizomas não possuem hierarquias. São inteiramente descentrados e são compostos por infinitos micro processos de variação e expansão. O rizoma floresce pelo emprego de uma pletera de partículas (signos) , mas essas partículas não são amalgamadas por uma micro-macro estrutura orgânica. Apesar da configuração não-dicotômica do rizoma formular uma interessante oposição às abordagens totalitárias macro, sua total recusa de macro estruturas faz qualquer dialética entre micro e macro impossível. Deleuze escapa pelo reino do relativismo da vida cotidiana. Esse anti-organicismo constantemente desconstrói unidades e totalidades.

O que todas essas filosofias – dos primeiros Pan-movimentos ao “pós-estruturalismo” – têm em comum é que se concentram apenas no micro e negligenciam o macro ou são mesmo hostis em relação ao macro. No pior caso, visões macro do humano e da sociedade serão demonizadas pelo desenho de uma conexão entre macro perspectivas e políticas totalitárias. Poucos pensadores tiveram a ambição ou a coragem de estabelecer relações orgânicas entre menor e maior, a província e o centro, o micro e o macro.

Ambos micro e macro possuem propriedades positivas e negativas. O macro pode ser materialista, cientificista, impessoal, mas também pode ser ligado a desenvolvimentos progressivos. O micro pode ser espiritual, local, e pessoal, mas também pode ser nacionalista, isolacionista, e culturalista. Como mencionado, em geral, na história da filosofia ocidental, a concentração exclusiva sobre o macro tem sido o maior problema.

Macro Filosofias

O micro é concreto e individual. O micro é cultura. Conseqüentemente, o processo de modernização foi frequentemente descrito como um macro processo em detrimento do fenômeno social da cultura. De acordo com John Tomlinson, a modernidade é “tecnologicamente e economicamente poderosa mas culturalmente fraca”, e Brett Davis sustenta que a “modernidade nos desloca radicalmente; ela nos despe (*strips*) de nossas raízes locais e nos realoca em um espaço de cálculo tecnológico e econômico progressivamente homogêneo”. O micro introduz conteúdos culturais concretos nas macro estruturas mais universais. A modernidade esteve sempre ansiosa para desenvolver um “conceito de ciência que estava fora da ‘cultura’, que era, em certo sentido, mais importante que a cultura”, escreve Wallerstein. Dito isso, enquanto o micro é sempre cultura, a cultura não é meramente micro. A cultura é antes um fenômeno orgânico sempre evoluindo rente às macro estruturas. O “homem moderno” tem dificuldades em compreender essa sofisticada definição de cultura.

Que papel pode a filosofia desempenhar no século 21? Juntar-se-á ao universalismo generalizado (como fez durante a maior parte do tempo por séculos)? Ou cambiará para a etnofilosofia e fragmentação pós-moderna? Eu argumento que o cosmopolitismo universalista e o culturalismo egocêntrico não são as únicas alternativas. A filosofia ocidental criou uma falsa dicotomia que tem repercussões na política e na cultura. Ao invés disso, nosso pensamento deveria cambiar para o orgânico.

A subordinação do micro ao macro na época moderna produziu resultados positivos em muitas áreas, mas, em geral, ela é mais problemática do que benéfica. Isso se torna mais óbvio no século 21, onde a cultura, o elemento micro típico, leva uma existência cada vez mais precária. Em um ambiente neoliberal, a importância da cultura é contestada. Na educação moderna, a qualidade orientada pelo conteúdo [*content-oriented*] tende a ser sobreposta por uma pilha de estudos quantitativos representativos do macro. As raízes desse desenvolvimento são diversas, mas muito delas pode ser ligado à cientificação [*scientification*] das ciências humanas, que começou após a Segunda Guerra Mundial, que favoreceu padrões universais para tudo. A perda do micro é trágica. Uma vez que a cultura é importante para a formação de identidades e para a autodeterminação de indivíduos, a perda do micro tem implicações políticas. Na maior parte do tempo, políticas “anti-micro” da modernidade

ocidental são políticas “anti-culturais” vindas com uma agenda política. Conseqüentemente, fora do Ocidente, o “anti-micro” pode ser facilmente percebido como imperialista.

Que papel a filosofia pode desempenhar em um ambiente tão fortemente determinado por macro estruturas? Juntar-se-á ao universalismo generalizado, como fez na maior parte do tempo por séculos? A política ocidental está cheia do discurso de poder [*power-discourse*] dos universalismos, e o discurso *filosófico* ocidental frequentemente – algumas vezes talvez inconscientemente – auxiliado essas ambições universalistas. Além disso, a filosofia tem um viés “natural” para o universalismo porque discutivelmente a mais teórica disciplina dentre as ciências humanas. Teorias são gerais e universais por natureza. A filosofia precisa ser universal? Ou deveria simplesmente desprezar as estruturas de poder existentes e se virar para o micro? É o destino da filosofia criar mais e mais contra-movimentos na forma de etnofilosofia e de fragmentação pós-moderna?

É a filosofia micro-macro orgânica possível?

Eu acredito que há alternativas melhores. A filosofia precisa ser redefinida como uma disciplina orgânica, o que significa, antes de tudo, que ela precisa ser redefinida como uma disciplina cultural. Apenas uma perspectiva cultural pode estabelecer um tipo orgânico de universalismo. Ao contrário do que a proliferação de nacionalismos e culturalismos de várias épocas poderia nos permitir suspeitar, ser “cultural” não significa ser fechado em uma esfera hermética. Em vez disso, significa ser aberto a outras culturas (ainda que não aberto no sentido de ser universalista). O cosmopolitismo estóico expressa essa ideia. O universalismo é mente fechada [*closed-minded*], enquanto que uma cultura cria uma abertura em relação a outra. Essa é mesmo uma precondição para qualquer abertura. Eu só posso ser aberto em relação a outro enquanto me vejo como cultura. Quando vejo a mim mesmo como ciência e absoluto, verdade universal, nenhuma abertura é possível. Meu reflexo seguinte será, provavelmente, impor minhas verdades absolutas a outros.

Na maior parte do tempo na história da filosofia, nós tivemos duas opções: universalismo reconhecendo apenas valores universais, como direitos humanos, de um lado, ou nacionalismo

egocêntrico, particularismo, e culturalismo, de outro. Há apenas macro ou micro? Essas dicotomias só poderiam ascender sobre o solo de uma tradição filosófica que já tivesse perdido a visão do orgânico em um estágio bastante primitivo de seu desenvolvimento. A proposição *ou* micro *ou* macro é uma falsa dicotomia, mas, na maior parte do tempo, a filosofia tomou essa dicotomia como garantida. A primeira filosofia analítica tornou isso mesmo uma caricatura ao insistir na *impossibilidade lógica* do organicismo. No início do século 20, G. E. Moore escreveu que “o princípio de unidades orgânicas (...) é mormente usado para defender a prática de sustentar ambas de duas proposições contraditórias, onde quer que isso pareça conveniente”. Verdade, a ideia de organicismo é manter duas posições ao mesmo tempo. Contudo, seu anelo é colocá-las em relações micro-macro significativas. Moore é, juntamente a Russell, Frege, e Wittgenstein, um dos iniciadores da filosofia analítica. Muito da dificuldade que a filosofia tem com o organicismo está contido na observação inocente de Moore.

Atualmente, a biologia reconsidera modelos orgânicos, e eu estou interessado em como um modelo micro/macro como ser reinstalado na filosofia. Platão desenvolveu pensamentos sobre macrocosmo e microcosmo em sua obra tardia, o *Timeu* no contexto da cosmologia organicista. Micro e macro são independentes: a ordem do menor sempre reflete a ordem da totalidade, e vice-versa. As reflexões de Platão em *Timeu* tiveram pouco impacto na história da filosofia ocidental. E mesmo dentro do *corpus* platônico, elas são pouco usuais e difíceis de coordenar com seu universalismo mais prevalente. Em geral, a filosofia ocidental preferiu se concentrar na Teoria das Formas de Platão. A Teoria das Formas descreve o mundo não em termos de organismos vivos, mas através de conceitos abstratos regulados por uma estrutura hierárquica. Na medida em que o filósofo se esforça em sentido da razão, esses conceitos abstratos se tornam mais e mais universais. O elitismo e utopismo abstrato de Platão se tornam linhas-guia para a filosofia ocidental. Outras ciências (economia, sociologia, urbanismo) tiveram maior uso para a dinâmica micro-macro.

Como pode o micro e o macro serem postos juntos? A filosofia tem relativamente pouco a dizer sobre isso. Tirando Moore, que pensa que considera que micro e macro não podem ser postos juntos por questões puramente lógicas, os filósofos frequentemente parecem estupefatos quando são confrontados com a questão. Às vezes, eles fazem sugestões modestas. Aqueles que aderem ao

universalismo cosmopolita podem admitir que o universalismo puro é, de fato, um pouco brando e carece da cultura mais colorida do individual. Martha Nussbaum expressa essa visão quando reconhece que o “menos colorido” cosmopolitismo, que ama apenas a humanidade, e não o país de alguém, é menos atrativo para muitas pessoas. Mas ela não recomenda a alternativa micro, a qual é, na perspectiva dela, o nacionalismo. Ainda que o nacionalismo atenda ao desejo de pertencimento, ele permanece inerentemente perigoso. A razão e o amor pela humanidade são sempre as melhores opções. No fim, Nussbaum procura por um compromisso: oferecer universalismo com algumas entradas coloridas, “eróticas” e sentimentais. Isso resume a instância típica do intelectual liberal e corre em paralelo com a ideia de propagar o capitalismo com benefícios sociais. A estrutura macro em si mesma não é suposta para mudar em algo mais orgânico.

Filosofias Orgânicas Reais

Através da história da filosofia, a reivindicação da universalidade não foi bem assentada com alguns filósofos, e posições adversas foram formuladas seja para questionar a possibilidade do pensamento universal ou para definir micro posições. Ao fim do século 18, a “democratização” do pensamento “e o comprometimento com a localidade filosófica migraram da agenda do Iluminismo para aquela dos filósofos contra-iluministas. Johann Gottfried von Herder, que é parte do último grupo, explica em sua magnum opus *Ideias para uma filosofia da história da humanidade* (1784) que povos, e não movimentos políticos, são as partes centrais na criação da história mundial e pede por uma alternância do macro para o micro. Em outro texto, Herder famosamente insiste que “cada nação possui seu próprio centro de felicidade assim como cada esfera tem seu próprio centro de gravidade”. Herder reage contra o cosmopolitismo e universalismo do Iluminismo francês (mas também do alemão). Como resultado, ele prioriza a unidade cultural e a identidade étnica. Contudo, Herder nunca usa a linguagem purista do nacionalismo. Ele não opõe liberdades cívicas e políticas. Ao contrário, ele desenvolve um nacionalismo cultural determinado por uma luta *pela* liberdade política. É importante apontar para Herder, a nação *pré-existe* em relação ao estado, enquanto o pensamento liberal atual

tende a assumir que a nação é uma comunidade arbitrária, imaginada. Herder condena a conquista e o imperialismo, e é por isso que seus pensamentos seriam mais tarde absorvidos pelos movimentos europeus de libertação nacional, movimentos como o Pan-eslavismo e mesmo a etnofilosofia, no anos 1960.

O foco de Herder no micro forçou a filosofia a se abrir em relação à cultura. Infelizmente, a nova abertura não iria durar muito, mas seria logo substituída com um novo fechamento. As visões de Herder foram desafiadas por um “viés Grego” recém inventado que se espalhava pelas universidades alemãs. A filosofia foi declarada grega, e qualquer reflexão não conectada aos gregos não poderia ser chamada de filosofia. Contra toda evidência, a filosofia foi dita independente de fontes não-ocidentais, e o não-Occidente foi visto como não-filosófico. O universalismo anti-cultural reconquistou a filosofia.

Foi dito acima que apenas uma atitude cultural pode evitar o fechamento. Na Alemanha, por volta de 1800, se tornou mais claro do que nunca que atitudes anti-culturais e fechamentos estão ligados de modo causal. A anti-cultura sempre significa o anti-outro. Para entender a *filosofia* indiana, é necessário compreender a *cultura* indiana. Para aqueles filósofos iluministas – a maioria dos quais eram kantianos – qualquer ocupação profunda com culturas não-ocidentais estava fora de questão. Como macro-ístas puros, eles tenderam a avançar em níveis mais abstratos. Em vez de se engajar na cultura chinesa ou indiana, preferiram pegar alguma doutrina grega e declará-la universal. Apesar fraqueza histórica desses argumentos, a filosofia alemã mais corrente tomou o discurso “grego” unificado como garantido. O modelo de um mosaico multicultural de verdades que foi modestamente delineado apenas umas poucas décadas antes, por Herder, Schelling, e os irmãos Schlegel, tornou-se mais e mais impensável. Há um círculo vicioso aí. A negação da cultura implica a negação do multi-cultural; mas a negação do multi-cultural irá apenas reforçar a recusa de qualquer cultura na filosofia.

Contudo, os problemas revelados por Herder não foram totalmente esquecidos. Hegel, em suas *Lições sobre a História da Filosofia*, recoloca as questões herderianas, ainda que sem prover respostas convincentes. Na *História da Filosofia*, Hegel escreve: “O que devemos fazer do fenômeno de que a filosofia, supostamente ensinando sobre verdade absoluta, apareceu restrita, no todo, a um pequeno número de indivíduos, a povos particulares, em tempos particulares?”

Do Orgânico ao Micro

Herder não foi influente em seu tempo, mas seu pensamento poderiam ter um impacto importante na filosofia muitos anos depois: eles levaram à criação de toda um leque de micro filosofias. Elas levaram ao estabelecimento do pan-eslavismo assim como o pan-africanismo, e depois também a etnofilosofia. A etnofilosofia é, facilmente, a “micro” filosofia mais evidente. A etnofilosofia emergiu em África desde a década de 1960 até 1980, e representa a disputa mais radical da alegação de universalidade da filosofia. Ela começa com o livro do missionário belga Placide Tempels intitulado “Bantu philosophy [Filosofia bantu]” (Tempels, 1945) e desenvolveu uma tradição que enfatiza as raízes locais dos filósofos. Na década de 1960, Alexis Kagame realizou uma pesquisa sobre a história oral, tradições e literatura de Ruanda, e o queniano John Mbiti fez um trabalho de campo massivo acerca das religiões tradicionais africanas. Dadas as suas tendências culturalistas, a etnofilosofia logo seria acusada de encerrar a verdade em um grupo étnico. O mais famoso, o filósofo beninense Paulin Hountondji acusou a etnofilosofia de reiterar as caricaturas eurocêntricas pois ela nega a capacidade dos africanos de pensar como indivíduos independentes. Na tradição socrática, pensar como um indivíduo é extremamente importante. Implícito no rechaço de Hountondji está a assunção de que a abordagem etnofilosófica retrata os africanos como incapazes de pensar de modo universal, ou seja, abstratamente. Somente indivíduos podem pensar abstratamente enquanto grupos étnicos são incapazes de fazê-lo. Esse argumento tipicamente grego será discutido mais abaixo.

A etnofilosofia foi estabelecida como muito micro e não suficientemente macro. Durante as décadas seguintes, a etnofilosofia tornou-se o embaraçoso “outro” da filosofia convencional. Entretanto, a etnofilosofia está longe de ser a única representante do anti-universalismo filosófico. As micro filosofias floresceram particularmente bem no continente europeu depois da Segunda Guerra Mundial, especialmente no década de 1980. Ao mesmo tempo, a oposição às macro estruturas foi alimentada por uma crítica geral do cientificismo, do universalismo, do eurocentrismo ou, simplesmente, de todo centrismo. Internacionalmente, aquelas etnofilosofias européias foram muito

melhor toleradas do que sua contraparte africana. As filosofias pós-estruturalistas assim como as pós-coloniais deslocaram o pensamento ocidental das estruturas universais e “totalitárias” e advogaram por mais caminhos micro-orientados. As experiências com o totalitarismo da Segunda Guerra Mundial tornou suspeitas qualquer consideração às totalidades. As revoluções anti-coloniais em África, Ásia e América Latina tiveram ainda impactos nesse tipo de micro pensamento. O feminismo estava ascendente também. Por meio de um movimento estranhamente coordenado, as filosofias do pós-guerra em vários lugares do mundo desconstruíram totalidades [*wholes*], na maior parte do tempo em nome da liberação do indivíduo ou da região. Os filósofos franceses começaram, especialmente, a criar sua própria etnofilosofia europeia, declarando, sempre em resposta a um espectro do “totalitarismo”, a filosofia como puramente regional. Michel Foucault constata, em uma conversa com Gilles Deleuze, o regional com o totalitário e insiste na necessidade de reviver as práticas “locais e regionais” e não as práticas “totalitárias [*totalisatrice*]”.

Guiado por um medo “do total”, as filosofias pós-estruturalistas começaram a desconstruir toda herança metafísica e histórica. Eles criticavam a ontologia dualista e monista tradicionais, o que é louvável em muitos aspectos. Entretanto, eles não mostraram ambição em criar alternativas orgânicas baseadas no pensamento micro-macro. Nesse ponto, o pós-estruturalismo não é muito diferente da filosofia analítica. Apesar da filosofia analítica estar procurando verdades universais, em pelo menos um sentido seu método sobrepõe aqueles do pós-estruturalismo: em ambos os lados do canal, as filosofias estão cindindo totalidades. Muitos da filosofia continental desconstróem enquanto a filosofia analítica “analisa”. O significado original de analisar é “separar”. Ambos as filosofias pós-estruturalista e analítica esquecem que o holismo e o organicismo não são idênticos. O holismo enfatiza o primado do todo sobre as partes, o que não é o caso do organicismo. De fato, a unidade orgânica do cosmos de Platão está unido por uma subjacente vontade metafísica; mas essa “vontade metafísica” não é totalitária pois ela está determinada por micro componentes.

Niklas Luhmann

Eu gostaria de mencionar aqui o trabalho do sociólogo e filósofo alemão Niklas Luhmann. Apesar de Luhmann ter trabalhado sobre temas sociais, a compatibilidade de suas teorias com aquelas derivadas da biologia é óbvia. A teoria de sistemas de Luhmann é um exemplo interessante do organicismo, conforme ele descreve os sistemas sociais como auto-gerados, auto-reproduzidos, entidades “autopoiéticas”. Na visão social de Luhmann, não existe unidade abrangente, mas existem somente distinções e diferenças. Ainda assim, o retrato inteiro pode ser visto como um sistema. O ponto de partida da teoria de Luhmann é uma crítica das tendências universalizantes na filosofia ocidental, que são flagrantes para ele desde pelo menos o Iluminismo: “O universal foi concebido como puro, livre de risco e sem a necessidade de compensação, e isso apesar de todas as contradições oferecidas pela Revolução francesa. O universal poderia aparecer com uma alegação de realização.” Luhmann cria uma ferramenta teórica que ele resume como uma teoria dos organismos capazes de abrigar termodinâmicas assim como a teoria da evolução. Luhmann usa uma abordagem “biológica” para sua análise do fenômeno social. Um sistema está sempre influenciado por outros sistemas, dado que nenhum sistema subsiste em isolamento. Dito isso, nenhum sistema é também dirigido por estruturas universais macro. Isso distingue a teoria de Luhmann daquelas filosofias que mais proeminentemente determinaram o modo “ocidental” de pensar. O sistema “do outro” pode somente ser entendido em relação com meu próprio sistema, o que significa que qualquer relacionamento com o outro tem de acontecer por meio da consciência de si. Não existe verdade universal, mas somente o jogo [*interplay*] entre o micro e o macro. Teorias sistêmicas rejeitam qualquer concepção de um mundo de universais (Formas Platônicas) que seja perfeita, eterna, imutável, e se concentra no jogo [*interplay*] de particulares finitos e imperfeitos. Isso é o que faz as teorias sistêmicas orgânicas se nós definirmos organicismo como uma teoria que considera constelações inteligentes animadas por elementos menores. A abordagem de Luhmann é remanescente do amálgama de Herder da ciência natural e da filosofia.

O Futuro da Filosofia

Qual papel pode a filosofia desempenhar em uma paisagem de universalismos com ocasionais remendos [*patches*] de cultura micro inseridos nela? Deveria ela participar do jogo generalizado de deculturação [*deculturaion*] e apenas fornecer habilidades culturalmente neutras ensinadas em aulas de Pensamento Crítico? Seria o professor de filosofia um “treinador de pensamento”, fornecendo treinamento? Ou é esperado que transmita algum tipo de cultura? E, se sim, qual cultura? Seria a filosofia analítica a filosofia do futuro porque é mais deculturada que a filosofia continental, e portanto melhor preparada para funcionar em um ambiente de excelência abstrata? Ou deveríamos insistir que o pensamento filosófico é mais que um inventário de habilidades culturalmente neutras; que se desdobra em situações culturalmente concretas? Segue-se das páginas acima que o professor de filosofia deveria atuar em um papel cultural. Nas economias neoliberais, ambientes de excelência abstrata sem nenhuma conotação cultural têm se tornado mais e mais dominantes. A filosofia não deveria imitar esses discursos de excelência culturalmente neutros mas definir a si mesma como um produto cultural. Para esse propósito, a filosofia precisa se tornar orgânica.

Um inteiro corpo de trabalho – frequentemente incorporado no campo de Estudos Culturais – lida com tópicos filosóficos não mais sob o direcionamento da filosofia, mas do “Pensamento”. Pode esse fenômeno ser compreendido como alternativas culturais para a filosofia universalista? Contém o Pensamento uma dinâmica micro-macro? Em meu livro, examino gêneros de Pensamento como “Pensamento francês”, “Pensamento feminista”, filosofias de minorias como filosofia gay e lésbica, e filosofia afro-americana. No Pensamento, elementos micro e macro são permitidos a interagir, o que pode fagular novas relações entre pensamento filosófico e cultura.

O eurocentrismo, do qual a filosofia ocidental, sem dúvidas, sempre sofreu, não deveria ser conectado a inerentes ambições racistas e colonialistas inerentes, em primeiro lugar, mas antes à intrínseca incapacidade da filosofia em desdobrar seus pensamentos seguindo uma dinâmica micro-macro. A raiz do universalismo não é o eurocentrismo, mas a raiz do eurocentrismo é o universalismo abstrato. A recusa de ideias filosóficas não-ocidentais se deve à percepção de que *qualquer* pensamento filosófico influenciado pela cultura – não importa se oriental ou ocidental – é menos filosófico. A

fragmentação pós-moderna e a “micro-ização” são reações exageradas a esse estado de coisas e deveriam ser substituídas com modelos orgânicos.

Translation: Lucas Machado, USP